Ludmila Carvalho de Souza

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A PASSAGEM PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO: uma relação possível

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2011

Ludmila Carvalho de Souza

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A PASSAGEM PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO: uma relação possível

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. José Ângelo Gariglio

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2011

Agradecimentos

Talvez essa seja uma das etapas mais importantes deste trabalho. Recordar aqueles que direta ou indiretamente viveram comigo o desenvolvimento dessa pesquisa é render-lhes uma homenagem e demonstrar-lhes o meu mais profundo sentimento de gratidão.

Primeiramente meu pensamento se eleva a Deus, por me conceder a oportunidade da vida e de, nela, viver experiências como essas, nas quais posso descobrir o que sou capaz de realizar.

Agradeço ao meu mestre de sabedoria, Raumsol, que me ofereceu a oportunidade de não deixar passar vivências como essas e transformá-las em verdadeiros campos de aprendizado, nos quais poderei retirar elementos para toda a minha vida.

Agradeço aos meus queridos pais, irmãs e cunhados por viverem comigo essa fase. Agradeço principalmente pela paciência, apoio e carinho sem os quais essa caminhada seria bem mais dura.

Ao meu orientador, José Ângelo, que me iluminou com suas idéias e formas de pensar. Obrigada por aceitar se juntar a mim nessa empreitada e me proporcionar desenvolver ainda mais o gosto pelo estudo.

Não posso deixar de agradecer ao TIME, que mesmo cada um seguindo seu caminho, terão sempre uma posição de titulares no meu coração: Ana Paula Guimarães, Alexandre Vianna, Juliana Avelino, Bruno Achtschin, Tassiana Rabelo e Fernanda Érica. Obrigada meus amigos, por tudo o que vivemos juntos!

Recordo e agradeço aos meus outros amigos da faculdade que viveram, seja de perto ou mesmo pelas conversas rápidas de corredor, os mesmos momentos de angústia e, principalmente, os de alegria por mais essa etapa cumprida: meus companheiros de Licenciatura (todos, sejam da minha turma de origem como aqueles que se agregaram ao longo da minha trajetória acadêmica) e todos os meus amigos do BOPE do Bacharelado.

RESUMO

Esse estudo objetivou descobrir qual é o olhar dos alunos de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais em relação à Faculdade de Educação e refletir se estes alunos consideram o contato com os conhecimentos pedagógicos como importantes para a sua formação. Foi necessária, além da realização de diversas leituras que englobavam a formação de professores e o contato com os conhecimentos pedagógicos, a realização de entrevistas com os alunos de educação física da UFMG. Foram 6 entrevistas com alunos do 5º período de licenciatura e bacharelado. Após a análise das entrevistas, identificamos três possíveis eixos de análise: a percepção dos alunos do papel dos conhecimentos pedagógicos para a sua formação, a relação dos alunos de educação física com o ambiente da Faculdade de Educação e os olhares dos alunos de educação física sobre as relação com a Faculdade de Educação. Posteriormente dialogamos os autores da bibliografia lida com os discursos dos sujeitos entrevistados. Foi possível identificar a importância das disciplinas da FaE como uma oportunidade de os alunos tomarem contato com conhecimentos que lhes auxiliarão a se formarem como profissionais críticos e conscientes de sua prática e da cultura na qual ela está inserida.

Palavras-chave: Conhecimentos pedagógicos e educação física. Formação de professores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 6
1. A INSERÇÃO DO ALUNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO..... 10
2. COM A PALAVRA, OS AUTORES 12
2.1. Voltando no tempo: o que a história tem a nos dizer?.....12
2.2. A formação de professores: generalista ou técnico? 14
2.3. Os estudantes e profissionais de educação física e a relação com os conhecimentos pedagógicos 15
3. COM A PALAVRA, OS SUJEITOS 21
3.1. Os alunos de Educação Física e o entendimento dos conhecimentos “não específicos” para a formação.....22
3.2. Os alunos de Educação Física, o ambiente da FaE e os sujeitos que a integram.....24
3.3. Os alunos de Educação Física e o olhar sobre a relação com a FaE: tem solução? 29
4. OUTRO OLHAR SOBRE O QUE DIZEM OS SUJEITOS..... 31
4.1. Seleção cultural escolar.....31
4.2. A apropriação dos saberes. 32
4.3. A experiência do professor na formação do aluno.....33
4.4. Formação de profissionais reflexivos.....34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 36
REFERÊNCIAS..... 39
APÊNDICES 41
Apêndice 1.....42
ANEXOS 43
Anexo I.....44

APRESENTAÇÃO

Ingressar na universidade significa para muitos o início de uma etapa importante da vida. Cria-se a expectativa em relação ao que será encontrado: novos colegas, amigos, professores, contato com um conhecimento mais específico da área de interesse, convivência em um ambiente repleto de perspectivas. São expectativas regadas de imaginação e que se nutrem das informações colhidas ao longo do caminho percorrido até então pelo aluno.

É comum observar, ao longo dessa etapa acadêmica da vida dos alunos, uma transformação, seja ela positiva ou negativa, dessas expectativas. Isso ocorre justamente pelo conhecimento do cotidiano universitário, ou seja, o que era somente construído pela imaginação começa a ser reorganizado pela realidade.

Quais são as expectativas de um aluno que ingressa em curso de Educação Física? O que ele espera do curso? Da forma como o curso é organizado, será que as expectativas que esse aluno possui são atendidas?

Para responder à essa terceira questão, é necessário conhecer como se organiza até o presente momento, o currículo do curso de Educação Física da UFMG.

O curso, desde a década de 1990, é dividido em duas modalidades. Licenciatura e Bacharelado. Até o terceiro período as disciplinas são comuns às duas modalidades, sendo que no quarto período o aluno deve escolher entre a licenciatura e o bacharelado e, dessa forma, continuar sua formação específica em uma das duas modalidades.

As disciplinas englobam elementos históricos, biológicos, pedagógicos da Educação Física dentre outros. Para cumprir com os objetivos e necessidades de cada disciplina, as aulas são ministradas em três espaços: no Instituto de Ciências Biológicas (ICB), na Faculdade de Educação (FaE) e na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO).

Em cada um desses espaços os alunos se apropriam de formas diferentes do que esses ambientes podem lhes oferecer e assim criam um determinado conceito desses espaços.

Nesta pesquisa buscamos compreender a relação dos alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais com a Faculdade de Educação. Mais especificamente, buscaremos compreender a visão dos alunos em relação às disciplinas ministradas na FaE e como eles se apropriam do conhecimento com que tomam contato relacionando (ou não) com a sua formação.

Para tentar entender essa realidade contextualizaremos, primeiramente, como ocorre a entrada do aluno de Educação Física na Faculdade de Educação. Dessa forma compreendemos que a pesquisa será melhor compreendida pelos leitores.

Após esse movimento de contextualização, buscamos pesquisar o que os autores dizem a respeito do assunto. O que eles já puderam refletir sobre a inserção de disciplinas pedagógicas na Educação Física? Como percebem a relação dos professores e dos alunos com o ambiente de uma Faculdade de Educação? Compreendem os conhecimentos transmitidos como úteis para a formação dos alunos?

Após o contato com a bibliografia, buscamos ouvir o que dizem os sujeitos de nossa pesquisa, ou seja, os alunos. O que eles têm a dizer sobre suas trajetórias pela Faculdade de Educação? Conseguem percebê-las como importantes em suas formações?

Tentamos responder essas e outras perguntas através da análise de entrevistas que visam levantar e caracterizar as possíveis causas da resistência dos alunos de Educação Física da UFMG em relação às aulas da Faculdade de Educação. Buscamos resgatar nas memórias dos alunos, através das perguntas, o que eles se apropriaram dessa passagem pela FaE.

Foram entrevistados 6 alunos de graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, sendo 3

cursando o 5º período de bacharelado e 3 cursando o 5º período de licenciatura. Esses alunos foram escolhidos por já terem vivenciado a maior parte das disciplinas na FaE e, portanto, já trazem na sua história uma bagagem de experiências importantes na construção do próprio conceito das aulas da Faculdade de Educação.

A entrevista teve seu roteiro elaborado pela autora (ver apêndice 1) dessa pesquisa visando colher informações acerca dos sentimentos, impressões e opiniões dos alunos em relação às suas trajetórias pela Faculdade de Educação. Elas foram realizadas através de contato direto na própria Escola de Educação Física ou na Faculdade de Educação, em local tranquilo sem pressão de tempo para a entrevista.

Foram tomados os cuidados éticos, como:

- Caráter anônimo de acordo com o exposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver anexo I) assinado pelos entrevistados;
- Participação voluntária do aluno;
- Informação sobre os objetivos da pesquisa antes da entrevista.

Após a revisão da bibliografia e de realizarmos as entrevistas, buscamos dialogar essas duas perspectivas. Será que há pontos em comum? E divergências?

Consideramos que esse estudo poderá auxiliar na discussão existente para o aperfeiçoamento do curso, que ocorre através da constante reformulação do currículo de Educação Física, já que expõe as necessidades de um importante elemento que forma a faculdade, que são os alunos. Através do entendimento da origem do problema, será mais palpável a parte que cabe a cada um realizar, tanto dos docentes como dos discentes, para solucionar a questão.

A partir da contextualização da situação curricular do curso de Educação Física na Faculdade de Educação e do ponto de vista dos alunos em relação à FaE, esse estudo busca descobrir qual é o olhar dos alunos de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais em relação à Faculdade de Educação e

refletir se estes alunos consideram o contato com os conhecimentos pedagógicos como importantes para a sua formação.

1. A INSERÇÃO DO ALUNO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

De acordo com o site da Faculdade de Educação[1], ela tem por finalidade

> a formação de educadores, visando o ensino, a pesquisa e a ação social. Busca, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão a formação do educando como um sujeito de múltiplas dimensões, a produção e a irradiação de conhecimentos, de novas abordagens teóricas e metodológicas do campo educacional. Busca também na gestão democrática a construção coletiva e elaborações teóricas de um entendimento da Faculdade e da Universidade como instituições públicas, éticas, apontando caminhos para uma democracia social.

Além da graduação em Pedagogia, a FaE oferece disciplinas e atividades de formação pedagógica aos diversos cursos de Licenciatura, dentre eles a Educação Física.

De acordo com a organização do currículo do curso de Educação Física vigente no início desta pesquisa, os alunos do segundo período frequentam a FaE duas vezes por semana, no turno da tarde. São duas disciplinas obrigatórias nesse currículo: Sociologia Educacional e Psicologia da Educação. Estas não são específicas para a área da Educação Física, mas voltadas para a educação como um todo. Sendo assim, juntamente com os alunos da Educação Física, frequentavam essas aulas alunos de diversos cursos de licenciatura, como História, Biologia, Teatro, Letras, Física.

Após a escolha entre licenciatura e bacharelado, os alunos que realizaram a primeira opção, no quarto período voltam a frequentar a FaE para mais duas disciplinas: Didática da Licenciatura e Política Educacional, que também focam uma visão generalizada da educação, não específica da Educação Física, mas que auxiliam a pensar o lugar dessa disciplina no ambiente escolar.

---

[1] http://www.fae.ufmg.br/

Essas disciplinas estão inseridas, dentro do Projeto Pedagógico do curso de licenciatura, no eixo denominado “Conhecimento Pedagógico da Educação Física”. Apresentaremos a seguir as ementas das disciplinas para melhor compreendermos o objetivo de cada uma delas:

Psicologia da Educação

Ementa: visão histórico-conceitual da Psicologia como ciência e sua contribuição à área educacional. Estudo das principais teorias de desenvolvimento e aprendizagem de base empirista, racionalista e interacionista. Contribuições da Psicanálise. Interação professor aluno: dinâmica da sala de aula.

Sociologia da Educação

Ementa: especificidade do olhar sociológico em Educação. Relações entre educação e sociedade no contexto da modernidade. Percursos da sociologia da educação: da perspectiva funcionalista às teorias da reprodução. Análises contemporâneas sobre a escola, seus sujeitos e seu contexto sociocultural.

Política Educacional

Ementa: políticas sociais e educação no Brasil. Organização do sistema educacional brasileiro: níveis, etapas e modalidades de ensino. Políticas e procedimentos de financiamento e de avaliação de sistemas de ensino. Profissionais da educação: formação e gestão.

Didática de Licenciatura

Ementa: caracterização, problematização e análise crítica da prática pedagógica. Processos de ensino e aprendizagem: relação professor-aluno-conhecimento, diferentes abordagens, fundamentos, elementos didáticos. Experiências alternativas para o ensino: características, componentes operacionais – possibilidades e limites. Planejamento e avaliação do ensino: concepções, características, propostas, elementos constitutivos.

Como podemos observar, são disciplinas que possibilitam aos alunos criarem uma base teórica sobre a educação e os aspectos que a compõem de forma a contemplar todos os estudantes dos cursos de licenciatura.

2. COM A PALAVRA, OS AUTORES

2.1 Voltando no tempo: o que a história tem a nos dizer?

Como em qualquer pesquisa em que o objetivo é encontrar respostas para o que acontece no presente, sentimos que é necessário conhecer o passado, pois nele podem estar contidas muitas pistas do que estamos investigando.

Nessa pesquisa não foi diferente. Para conseguirmos compreender melhor a realidade do ambiente da faculdade e da vida acadêmica dos alunos de educação física, recorremos à memória escrita.

Encontramos no texto de Borges (1998) alguns elementos que se constituíram em pontos importantes no entendimento dessa realidade. A autora, buscando situar o leitor no contexto no qual discussões acerca da formação de professores estão inseridas, resgata dados referentes à origem, diretrizes legais e caracterização geral dos currículos dos cursos das Escolas de Educação Física.

Faremos agora um breve histórico do que foi encontrado:

No ano de 1939 foram criadas as primeiras escolas de formação de professores de educação física do Brasil: uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro. Apesar de serem criadas no meio civil, elas eram fortemente marcadas pelo caráter militar. Nessa época, pela primeira vez a educação física é destacada na Constituição Brasileira, provavelmente porque, assim como destaca Faria Junior (1987), a educação física era vista como “um poderoso auxiliar para o fortalecimento do Estado e um possante meio para aprimoramento da raça”.

Nessa mesma época, com o objetivo de administrar a educação física dentro e fora do âmbito escolar, foi criado a Divisão de Educação Física (DEF). Esse foi considerado um fato marcante no processo de distanciamento da educação física das demais licenciaturas, já que as questões relativas a ela eram tratadas de forma desvinculada dos assuntos da educação de um modo geral.

Também em 1939 foi criada a Escola Nacional de Filosofia (Enfi), que

atendia as seções de Filosofia, Letras, Pedagogia e uma seção especial de Didática. A criação da Enfi só fez aumentar o estranhamento de como duas escolas de formação de professores poderiam ter sido criadas no mesmo ano e, ao mesmo tempo, possuírem concepções antagônicas em relação á educação. Nesse contexto, inicia-se a formação de professores de educação física.

Em 1962, o Conselho Federal de Educação (CFE) aprova dois pareceres: o primeiro, nº 292/62, relaciona o elenco de disciplinas pedagógicas para os cursos de licenciatura na forma de estágios supervisionados. O segundo parecer, nº 298/62, fixa o currículo mínimo dos cursos superiores de educação física licenciatura incluindo as matérias pedagógicas do primeiro parecer.

Apesar da emissão desses dois pareceres, o que foi escrito não se efetivou na prática e o curso de licenciatura em educação física continuou diferenciado das demais licenciaturas também por causa da flexibilidade que os cursos tinham para mudar seus currículos.

Após o golpe de 1964, as universidades passam por modificações decorrentes do acordo realizado entre Ministério da Educação e Cultura (MEC) e United States Agency for International Development (Usaid) e, dessa forma, o esporte de alto nível ganha hierarquia nos cursos superiores de Educação Física.

No ano de 1969 o Conselho Federal de Educação (CFE) organiza o currículo mínimo para os cursos de formação de professores de educação física e fixa as matérias pedagógicas comuns a todas as licenciaturas.

No fim da década de 1970 há o aumento dos debates sobre o caráter inapropriado de um currículo único para todas as licenciaturas que deixa de considerar os contextos diferentes de cada uma delas.

Em 1984 o Conselho Federal de Educação cria o Grupo de Trabalho Consultivo que apresenta, baseando-se nas discussões desenvolvidas nas Escolas de Educação Física, um anteprojeto de reformulação curricular que define um mínimo de conteúdos a serem observados pelos cursos de Educação Física que formariam licenciados e bacharéis conforme as demandas sociais e a realidade de cada instituição. O projeto foi aprovado em 1987 e o CFE

estabeleceu um período de três anos para que as escolas de educação física se adaptassem à nova resolução.

Em 1990, após o período de adaptação, o que pôde ser observado foi uma fragmentação da teoria e prática. Houve uma separação entre os conhecimentos específicos da educação física e os conhecimentos pedagógicos.

O que fica claro é que a criação dos cursos de Educação Física e a proposta que eles possuem se desenvolveram e se desenvolvem de acordo com os sentidos e significados que a educação física vem construindo socialmente. E esse significado social assumido pela educação física ao longo da história é também determinante no direcionamento da discussão sobre a formação dos profissionais dessa área.

2.2. A formação de professores: generalista ou técnico?

Após o resgate da história de como as disciplinas pedagógicas se inseriram no curso de Educação Física, procuramos, nesse próximo passo, pesquisar o que os autores já refletiram a respeito da relação desses conhecimentos pedagógicos com os conhecimentos ditos específicos da educação física na formação de professores.

De acordo com Faria Junior (1992) existem duas concepções de profissional de educação física: o técnico em educação física e desporto e o licenciado em educação física. Apesar de terem um caráter diferente, a formação técnico-desportiva da primeira concepção tem predominado sobre a segunda, o que acaba caracterizando como esportiva a formação do licenciado.

Voltando na pesquisa histórica, o que podemos observar é que essa realidade foi construída na época dos governos militares (1964 a 1985), quando os cursos de licenciatura em educação física acentuaram a ênfase na formação esportiva dos professores. Essa concepção resultou no distanciamento da ideia do profissional generalista.

O que pode ser observado hoje é um movimento de resgatar como concepção de formação o conceito de licenciado generalista.

> "A ideia do licenciado generalista como perfil profissional supõe uma formação ampla e, ao mesmo tempo, aprofundada o suficiente para dar conta da pluralidade e da complexidade que envolvem o movimento humano circunscrito às condições culturais, econômicas, sociais, políticas, enfim, Às condições materiais de existência humana." (BORGES, 1998, p.39)

Se voltarmos às ementas das disciplinas da FaE e relacionarmos com o conceito de licenciado generalista exposto por Borges (1998), talvez caiba perguntar: não seria esse o papel das disciplinas pedagógicas dentro da educação física? Ou seja, podemos afirmar que um dos objetivos da FaE é a formação de professores críticos de sua própria prática?

Uma observação que julgamos relevante e que foi levantada por Betti (1992, apud BORGES, 1998) [2] é que não devemos vincular mecanicamente especialista a bacharel e generalista a licenciado. Não se pode esquecer que o licenciado é, pela própria tradição educacional brasileira, um especialista em educação.

2.3. Os estudantes e profissionais de educação física e a relação com os conhecimentos pedagógicos

Nesta terceira e última parte na qual resgatamos o que os autores têm refletido sobre nosso tema, levantamos algumas questões mais específicas da relação dos estudantes e profissionais de educação física com os conhecimentos pedagógicos.

---

[2] BETTI, Mauro. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, Wagner W. (org.). **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1992

Com o que encontramos em nossa pesquisa, sentimos ser necessário dividir nossa linha de pensamento em duas: a primeira trata diretamente da relação dos estudantes e profissionais com o que tomam contato nas disciplinas pedagógicas e a segunda trata da relação desses sujeitos com o ambiente de uma faculdade de educação.

O curso de Educação Física possui uma característica interessante, pois muitos alunos já vivenciaram o resultado do processo do que será ensinado e discutido na faculdade.

> "Partindo, então, deste pressuposto, de que os alunos do curso, em sua maioria, têm um fazer que antecede ao seu ingresso num curso de formação, diferentemente, por exemplo, dos alunos de outras profissões, (...) não podemos afirmar que esses alunos de outros cursos não tenham um certo saber acumulado advindo da experiência social, mas podemos inferir que eles não têm o fazer que antecede suas respectivas formações profissionais, ao passo que muitos dos alunos do curso de Educação Física vivenciam ou vivenciaram algum tipo de atividade, que, por sua vez, pode ser considerada conteúdo da Educação Física e, consequentemente, disciplinas dos cursos de formação." (FIGUEIREDO, 2001, p.119)

Esses alunos brincaram, praticaram esportes, freqüentaram academias e outros ambientes nos quais os profissionais de educação física estão inseridos. Essa realidade faz com os alunos se apropriem do curso de uma forma muito singular.

Essa singularidade tem levado os alunos a desenvolverem, de acordo com Figueiredo (2001), duas lógicas de ação: a primeira seria a de se frustrar com o curso, principalmente quando tomam contato com as disciplinas didático-pedagógicas. A segunda lógica de ação seria a de não valorizar o currículo e acusá-lo pela formação que estão tendo.

Em relação à sua colocação frente às disciplinas pedagógicas, a autora ainda indica que o aluno rejeita o conhecimento pedagógico por compreender que eles são úteis somente para o trabalho escolar, não sendo compatível com o trabalho em clubes, academias e outros lugares sociais.

Outra questão que encontramos em nossa pesquisa e que ilustra a dificuldade de valorizar os conhecimentos pedagógicos é o status que o conhecimento científico presente nas disciplinas de cunho biológico possuem. Candau (1997) levanta a questão da hierarquia acadêmica e nos faz refletir sobre o fato de que quanto maior a ênfase que a universidade dá à pesquisa e à pós-graduação, menor é a preocupação com a formação de professores.

Podemos concluir que se a própria universidade não valoriza como se deve a formação de professores, consequentemente desvaloriza as disciplinas pedagógicas e isso, de alguma forma, é passado para os alunos, seja na organização do currículo ou na forma como os próprios professores transmitem esses conhecimentos.

Encontramos nos textos de Moreno (1997) e de Bracht e González (2005) outros elementos importantes sobre a relação dos alunos e profissionais de educação física com os conhecimentos pedagógicos. Esses autores propõem que voltemos na história, mais uma vez, para poder compreender um pouco mais como, muito discretamente, a resistência aos conteúdos pedagógicos nos cursos de formação foi sendo alimentada.

Até a década de 80 era claro para os professores o que eles deveriam ensinar nas escolas, devido ao caráter esportivo que suas aulas possuíam. A partir dessa época, através de um movimento denominado renovador da Educação Física brasileira, houve um diálogo maior com o campo educacional, mediante as teorias críticas da educação e com a Sociologia e Filosofia crítica do esporte.

Com isso os profissionais começaram a repensar suas práticas e buscaram, assim como menciona Moreno (1997), para tentar entender a Educação Física, explicações sociológicas, antropológicas e filosóficas. Explicações que se somaram às já conhecidas explicações biológicas.

Forma-se, dessa forma, um sentimento de confusão por parte dos profissionais da área que, com todos os questionamentos com os quais tomam contato, não têm mais tão claro o que devem fazer ou transmitir em suas aulas e

começam a não ter clareza do que devem saber, do que deve ser conhecido por ele, enquanto professor.

Compreendemos que pode estar aí a origem da resistência aos conhecimentos pedagógicos: ela surge do desequilíbrio e da desconstrução que se faz necessária ao se pensar a própria prática.

> "Esse profissional percebe que aquilo que foi durante tanto tempo a possibilidade concreta de atuação estava se desestruturando. As críticas não foram olhadas como possibilidades de mudança do que hegemonicamente se realizava e se pensava. A crise foi olhada como: *"tudo que se fez não presta mais, joga-se fora"*. Com isso, muitos se sentiram desanimados e considerando-se incapazes de rever seus conhecimentos já consolidados. A crise pela qual passou (passa) a Educação Física interfere significativamente na identidade, ou mesmo na vida, de vários profissioanais (...)" (MORENO, 1997, p. 260)

Nesse contexto vários autores reafirmam a importância da inserção das disciplinas pedagógicas nos cursos de Educação Física, pois estas podem auxiliar o futuro profissional da área a legitimar sua própria prática, algo que, como destaca Moreno (1997), é um problema já que muitos profissionais não são estimulados ou não sabem como refletir sobre o que fazem. Um movimento que é vital para o crescimento da Educação Física e do crescimento dele próprio, como profissional. Ao formar profissionais críticos eles serão capazes de reconhecer o que fazem e terem elementos para avaliar esse fazer.

Focando agora em nossa segunda linha de pensamento, encontramos na bibliografia alguns dados interessantes que auxiliaram em nossa pesquisa. Esses dados se referem à relação dos estudantes com a faculdade de educação, com o ambiente onde esses conhecimentos pedagógicos estariam mais presentes.

No texto de Moreno (1997), a autora relata sobre a discriminação que alunos e professores de Educação Física sofrem daqueles que não fazem parte do ambiente deste curso.

"O depoimento de duas professoras que lecionam disciplinas de outros departamentos revelam que "*são surpreendidas*" com o bom nível dos alunos de

Educação Física, embora outras vezes relatem que, mesmo após algum contato com os estudantes, suas visões permaneceram inalteradas. Ao serem questionadas sobre a visão que têm do aluno do curso de Educação Física, abordam, na maioria das vezes, o comportamento dos alunos, embora uma professora chame a atenção para seus atributos intelectuais. Ao tecer elogios, quase sempre são outros atributos citados." (MORENO, 1997, p.265).

Esse fator nos leva a refletir sobre a interferência que esse conceito formado pelos professores dos alunos de educação física pode ter nas aulas ministradas, ou seja, se determinados professores alegam ou acreditam que os alunos de educação física possuem uma capacidade intelectual menor, poderiam esses professores privarem seus próprios alunos o direito de refletir ou até mesmo de desenvolverem essa prática reflexiva.

Sobre estimular o aluno a refletir, ou seja, sobre a relação desse sujeito com o saber, Dubet (1994, apud FIGUEIREDO, 2001) [3] coloca que *"... uma sociologia da experiência incita a que se considere cada indivíduo como um 'intelectual', como um actor capaz de dominar conscientemente, pelo menos em certa medida, a sua relação com o mundo".* Desconsiderar ou duvidar da capacidade intelectual do aluno seria uma forma de não permitir esse mesmo aluno a se relacionar com o mundo ao mesmo tempo em que este pensa sobre ele. Seria desconsiderá-lo como sujeito que possui relações sociais.

Um último elemento sobre a relação dos alunos de educação física com o ambiente de uma faculdade na qual estão presentes conhecimentos pedagógicos está destacado no texto de Moreno (1997). A autora nos apresenta a discriminação que os alunos sofrem e os conflitos dentro da própria faculdade de educação física. Conflitos e discriminações que são causados pelas diferenças de concepções de educação física e da forma como o curso deve ser encaminhado.

Como essas diferenças de concepções podem influenciar na valorização dos conhecimentos pedagógicos e didáticos? Pensamos que essa pergunta pode ser respondida com alguns elementos que já foram trazidos nessa pesquisa.

---

[3] DUBET, François. **Sociologia da experiência.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

Resgatemos as informações que colhemos sobre a hierarquia dada às determinadas disciplinas. Essa hierarquia pode ter sido causada pela predominância de uma determinada concepção sobre outra. Sendo assim, consequentemente uma disciplina é mais valorizada do que a outra e o modo como são organizadas dentro um currículo e são ministradas pelos professores influenciam na formação do conceito pelos alunos dessas disciplinas. Estes poderão, então, reproduzir (ou não) o conceito que criaram.

Após a pesquisa realizada e as reflexões sobre as informações encontradas, surpreendemo-nos com a quantidade de fatores que podem interferir na formação do conceito de um aluno. Além de verificarmos que a possível resistência às disciplinas pedagógicas é um fato construído historicamente pela política educacional brasileira, percebemos a importante função que cada indivíduo possui na construção de uma consciência da sua responsabilidade social e cultural. São indivíduos, sejam professores ou alunos, que são sujeitos, construtores de uma cultura escolar.

A seguir, apresentaremos o que os sujeitos-alunos têm a dizer. O que eles sentem, vivem e experimentam nessa relação com esses conhecimentos pedagógicos na atualidade.

3. COM A PALAVRA, OS SUJEITOS

Recordando da minha experiência, que já passei por várias etapas de relação com a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), reconheço dentro da minha própria história alguns momentos de reação negativa para com as aulas e professores da FaE. Mas, por diversas circunstâncias, essa reação já não existe mais, principalmente por considerar importante que tenhamos um momento dentro do nosso currículo no qual possamos conhecer as reflexões e pontos de vista de diversos autores que tratam das relações humanas e dessas relações dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Considero importante o contato com esses conhecimentos por estarmos nos formando para uma profissão que não somente pertence à área das ciências biológicas, mas também das ciências humanas e, arrisco dizer, sociais já que, todo o tempo, trabalhamos e nos relacionamos com outras pessoas, que são sujeitos biopsicossociais.

Mas essa é uma visão construída após todo um percurso acadêmico. Como disse anteriormente, essa forma de conceber e aceitar a Faculdade de Educação nem sempre ocorreu dessa forma. A pergunta que surge é: porque isso ocorre? Em conversas informais podemos observar uma resistência dos alunos em relação ao ambiente e às disciplinas da FaE: como surgiram essas resistências?

Essas perguntas surgem quando refletimos também sobre o fato de os alunos entrarem sem conhecimento algum do que ocorre nas aulas da FaE. Ou seja, é algo que eles vão construindo ao longo do tempo vivido dentro da universidade.

Será que sofrem influência de outros alunos? Será que não conseguem valorizar a licenciatura e as disciplinas que a integram? Será que não veem sentido no que escutam, leem, debatem? Conseguem conectar com o que vão se deparar ao longo do exercício de sua profissão? Pode o ambiente da FaE

influenciar de alguma forma na construção desse conceito? Será que sofrem influência dos professores?

Essas e outras perguntas nortearam as entrevistas realizadas com os alunos do 5º período do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais.

Após a análise das entrevistas, separamos o que escutamos em três eixos de análise: o entendimento dos conhecimentos “não específicos” para a formação, a relação com o ambiente da FaE e os sujeitos que a integram e o olhar sobre a relação que os alunos de educação física têm com a FaE.

Julgamos importante ressaltar que os alunos entrevistados não foram escolhidos ao acaso. Anteriormente à realização dessa pesquisa já existia um vínculo com os alunos e elegemos um conjunto que possui uma diversidade nas concepções de educação, educação física escolar, e também uma diversidade no entendimento sobre suas próprias práticas. Além desses fatores, escolhemos alunos do bacharelado e da licenciatura.

Todos os alunos escolhidos já estão engajados em algum projeto da faculdade ou trabalhando como estagiários em escolas, academias ou clubes, ou seja, todos estão atuando na área da Educação Física e já possuem um embasamento teórico e prático para refletir sobre o tema desta pesquisa.

3.1. Os alunos de Educação Física e o entendimento dos conhecimentos “não específicos” para a formação.

Para tratarmos dessa temática perguntamos aos alunos, depois de verificarmos quais disciplinas haviam cursado na Faculdade de Educação, se eles consideravam as aulas que tiveram e o contato com os conhecimentos transmitidos como importantes para a formação como professores de Educação Física.

Foi interessante observar que, de forma unânime, eles responderam que, mais do que importante para a formação profissional, os conhecimentos com os quais tomaram contato foram importantes para a formação como seres humanos. Alguns dos alunos destacaram a dificuldade de perceber esses conhecimentos pedagógicos como úteis para a sua formação como profissional da área de educação física pelo fato de terem optado pelo bacharelado.

> "Como profissional de educação física ajudou bastante no relacionamento com os alunos, agora assim, acrescentar como conhecimento científico, específico para a área que quero trabalhar, que é a musculação, não. Mas pensando no relacionamento com os alunos ajudou bastante, ajuda a entender mais o outro, a relacionar melhor." (Aluno do 5º período de Bacharelado)

Uma aluna destacou que as disciplinas contribuíram para a sua formação no que se refere a observar a sua própria prática:

> "Eu achei muito interessante principalmente a questão da didática, porque tem coisas que às vezes passam despercebidas no momento que estamos atuando e que são muito importantes termos uma atenção maior para não ficarmos só no senso comum que "agora vou dar aula e vou me portar como os meus professores se portavam..." sem saber o porquê. Então acho importante a gente poder entender esse processo e ter essa oportunidade de melhorar através das coisas que a gente estuda. Através das teorias, entender como se fundamentam os métodos de ensino para termos uma boa atuação." (Aluna do 5º período de Licenciatura)

Dessa fala e de algumas outras, podemos perceber que as disciplinas da FaE já cumprem um papel significativo na vida acadêmica dos alunos por, mesmo que seja, minimamente, conseguir com que os alunos saiam da sua posição cômoda e iniciem uma reflexão acerca dos elementos que compõem a sua futura profissão de professor.

Um aspecto que foi destacado por uma aluna e que está relacionado ao anterior é a importância das disciplinas da FaE por oportunizar aos alunos uma visão mais ampla do que a Educação Física comporta, ou seja, como os alunos,

no 2º período, ainda não escolheram qual modalidade querem seguir, as reflexões realizadas nas aulas das disciplinas da FaE são uma pequena amostra do que a licenciatura pode lhes oferecer.

3.2. Os alunos de Educação Física, o ambiente da FaE e os sujeitos que a integram.

Neste tópico são muitos os elementos que foram levantados pelos alunos. Um aspecto que surgia constantemente nas conversas está relacionado ao professor que tiveram em cada uma de suas disciplinas. Ficou claro em suas falas que os docentes foram determinantes na formação do conceito que eles possuem da Faculdade de Educação, tanto negativo como positivamente.

Nas falas destacadas podemos observar que os alunos avaliaram de forma diferenciada os seus professores. Tanto os aspectos metodológicos, avaliativos, de convivência, boa vontade e prazer em dar as aulas. Os estudantes revelaram que depende muito do professor que o aluno se interesse pelo conteúdo da disciplina e se disponha a conhecer teorias que serão auxiliares na sua atuação profissional e que, inicialmente, não é um tema de seu agrado.

Ao perguntar para eles o porquê de destacarem determinadas disciplinas como formativas ou não, os alunos demonstraram possuir diferentes discursos a esse respeito, mas muito reveladores:

> "Só Didática contribuiu. A aula da mulher era doida demais. (...) Você tinha prazer de estar na aula. (...) Os exemplos que ela dava. O jeito que ela dava aula era muito bom" (Aluno do 5º período de Licenciatura).

> "A relação com os professores eu achei sensacional, eles davam bastante abertura, principalmente o Valter. (...) Até hoje a gente conversa. Eu achei muito bacana, pois ele passou na prática tudo o que ele falou. Ele (...) passava com tanto amor o que ele fez e o que ele deixou de fazer. (...) Eu ficava prestando atenção e entendia e buscava entender o que ele estava falando. (...) Ainda não entendo muito das teorias de Piaget e Vygotsky, mas hoje eu compreendo melhor o que ele (o professor) queria dizer. Com o Valter foi uma relação sensacional, muito por isso, pela vontade que ele tinha de dar aula e como ele ministrou as aulas dele pra gente, pois eu acho que não é assim comumente. A do Cláudio foi mais teórica, da teoria de Bourdieu, textos

> para ler, achei bacana, era dinâmica, era até mais dinâmica, pois era discussão de texto. Mas não me tocou tanto quanto a do Valter" (Aluna do 5º período de Bacharelado)

> "Na Política Educacional, ver o funcionamento da educação básica e superior de acordo com as leis, como que é fundamento, me interessou muito. O professor como era advogado, ele entendia muito sobre leis e então falava muito sobre leis. Achei muito bom." (Aluno do 5º período de Licenciatura)

Nesses relatos e em outros os alunos valorizam muito os professores que utilizam de suas experiências para poder legitimar suas falas. Mesmo que esses docentes não sejam ligados à área da Educação Física, só o fato de já terem vivido, experimentado o que estão transmitindo aos alunos, parece ser recebido com maior boa disposição por partes dos discentes.

Relacionado ao método de avaliação e formas de condução das aulas, um depoimento em especial foi surpreendente:

> "Psicologia: o professor era muito ruim. O método de avaliação era péssimo. Ao corrigir as provas dizia que jogava as provas para o alto e as que caíssem em cima da mesa ganhavam total. As que caíam no chão ganhavam metade dos pontos." (Aluna do 5º período de Bacharelado)

Essa aluna logo em seguida manifestou que esse professor não tinha uma boa relação com os alunos e que, por esse e outros fatos, ele não tinha prestígio algum com os alunos.

Outros depoimentos já nos revelam a metodologia utilizada pelo professor:

> "Olha, particularmente me interesso muito pela política educacional... Só que a psicologia também foi muito boa, tive uma psicologia excelente, acho que foi pelo professor, muito pelo professor e pela abordagem que ele deu a disciplina que era mais voltada para a psicologia social, eu gostei muito." (Aluna do 5º período de Licenciatura)

Sobre o primeiro depoimento, um dos alunos manifestou que considerava interessante a forma como a sala era disposta, em roda, mas que lhe parecia que o professor havia esquecido o verdadeiro objetivo dessa formatação das carteiras

e, em suas aulas, somente ele era quem levantava os pontos de vista, deixando de lado a dinâmica de grupo implícita no círculo, que é oportunizar o surgimento de diversas opiniões para que vários caminhos sejam traçados e cada um possa percorrer aquele que melhor lhe parece.

O depoimento de um aluno nos leva a refletir sobre quais professores são selecionados para dar as aulas para os alunos de Educação Física, porque eles são escolhidos e qual a expectativa e conceito que eles têm dos alunos de Educação Física:

> "Os professores não são exatamente os melhores da FaE. Tava até conversando com as meninas da Pedagogia. Por exemplo, os nossos professores são os que dão a matéria, mas que dependendo deles eles não queriam dar aula para gente e isso eu acho que atrapalha muito. Às vezes eu vejo um certo descaso." (Aluno do 5º período de Licenciatura)

Os entrevistados destacaram um ponto comum dentre as práticas de seus professores: a quantidade e a qualidade dos textos que estes indicavam para leitura. E a visão dos alunos sobre esse ponto é bastante diversificada:

> "Didática. Todas as aulas dele ele repetia a mesma coisa, não acrescentava nada. Ele até passava textos muito legais para ler, eu até li os textos. Só que você olhava para os textos, achava as ideias legais, só que chegava na aula e o professor falava as mesmas coisas em todas as aulas. E aí você diz: que bom... vou ver a mesma coisa de novo... Aí isso é um pouco ruim, porém é muito positivo os textos que ele passava, sobre práticas docentes, textos que têm bases muito legais. Porém o professor não aproveitava muito eles." (Aluno do 5º período de Licenciatura)

Percebe-se que, mesmo com a metodologia utilizada pelo professor não ser bem vista por esse aluno, os textos que o docente indicou foram apropriados de forma positiva.

Uma aluna do 5º período do Bacharelado manifestou considerar um pouco maçante a quantidade de textos para ler, mas que todos os textos eram, sem dúvida, um acréscimo para a sua formação. Um dos alunos manifestou não gostar

das aulas da FaE pela quantidade de textos que ele tinha que ler e pela temática dos textos não ser de seu interesse.

O número de textos para ler foi também destacado como fator importante na criação de um conceito negativo da FaE e da própria licenciatura:

> "Quando se fala da FaE, a galera já não gosta, torce o nariz. Mas acho que é porque remete a isso, a leituras, leituras e mais leituras. Acho mais quando a galera fala assim: você vai fazer licenciatura?! Aí a imagem que o pessoal tem da licenciatura é que é só leitura, leitura, leitura." (Aluno do 5º período de Bacharelado).

Perguntamos aos alunos, após mencionarem a questão do preconceito com a FaE, quais outros elementos eles destacariam e que seriam possíveis causas desse preconceito. Além do descaso dos professores e da quantidade de textos para ler, eles destacaram os alunos do curso de Pedagogia. Sobre isso, uma aluna destacou que:

> "Há um certo preconceito. Até usamos uma expressão, de que são pessoas 'pedagogentas', como se fosse algo chato, sempre tem esse preconceito. Você lembra daquelas pessoas da escola, pedagogas que ficava enchendo o saco, acho que tudo é uma questão de preconceitos que a gente vem trazendo mesmo." (Aluna do 5º período de Licenciatura)

Os horários e a duração das aulas também se mostraram pontos cruciais para a formação do conceito da Faculdade de Educação pelos alunos do curso de educação física:

> "Existe um estranhamento. Eu acho, primeiro, porque é de tarde. (...) Eram aulas enormes, duas aulas de 50 minutos. Era o tempo todo ali, na discussão de um assunto. Isso é maçante. Ainda mais porque eu acho que o perfil de quem faz Educação Física é quem gosta de coisa mais dinâmica e de coisas mais ágeis, mais rápidas. Eu acho que é um perfil, não generalizando, mas é um perfil de quem entra aqui. E na hora que você chega lá, tem que ficar sentado 1h40, discutindo um tema... Eu acho maçante, eu acho que é o que faz a gente achar maçante." (Aluna do 5º período do Bacharelado).

> “Serem aulas extensas e que o intervalo é pouco, você sai de uma aula de psicologia e vai para uma de sociologia. Isso é muito difícil, torna cansativo. Até que no meu 4º período fiz didática em um horário e outro dia fiz política. Para mim foi muito melhor, não sei se gostaria tanto se fossem dois horários seguidos.” (Aluna do 5º período de Licenciatura).

Os próprios alunos do curso de educação física foram mencionados como causadores do preconceito, mais especificamente, os veteranos foram colocados como perpetuadores do conceito negativo da FaE:

> “É verdade que os alunos de Educação Física não gostam da FaE. Normalmente os do Bacharelado. E todo mundo que está na frente chega para você e fala: a FaE é muito chata. Aí você já vai predisposto a achar que é ruim. Igual o horário desse semestre: Política Educacional são 4h direto, sem parar, de 13h às 17h. Aí ninguém agüenta mesmo. E com todo mundo falando que é ruim, principalmente o pessoal do bacharelado.” (Aluno do 5º período de Licenciatura).

Um último ponto destacado pelos alunos entrevistados e que consideramos relevante para essa pesquisa, é a relação que construíram com os colegas de turma e que não eram alunos do curso de Educação Física.

> “(...) não me misturava muito com outros grupos. Eu tenho um grupo bem fechadinho de amigas que a gente acabou montando um horário junto, e acabou fazendo trabalhos juntas. São pessoas do seu curso, pessoas que você conhece e com aquela desculpa que é mais fácil encontrar, mas também porque a gente já tem afinidade e já sabe como a outra pessoa trabalha. Ninguém gosta de ter surpresa e trabalhar com uma pessoa que você não sabe se vai render. Mas principalmente na aula de Didática o contato com outros cursos era muito grande, bem interessante. A própria experiência, a visão de mundo completamente diferente. Convivi especialmente com uma menina da Matemática que nossa visão de como dar aula, a importância de dar aula era completamente diferente. Eu discordava completamente dela e ela discordava completamente de mim. Isso é interessante, você saber o que quer fazer e o que não quer fazer.” (Aluna do 5º período de Licenciatura).
>
> “Com os colegas de outros cursos, sempre foi muito positiva. Por eu gostar de conversar sempre foi muito legal, principalmente semestre passado, na Política Educacional. Eu tive uma relação legal com as pessoas da Música. É uma oportunidade muito boa para eu entender mais sobre outras áreas da licenciatura, fora a Educação Física. Tinha Música, tinha Relações Públicas, também Biologia (...). Aí isso era muito legal, aprender também com outras áreas. (...) É uma aprendizagem ver

> outros profissionais que vão trabalhar comigo. Importante ver a realidade deles.” (Aluno do 5º período de Licenciatura).

Dessa última fala, recordamos do que diz Candau (1997) sobre a interdisciplinaridade e valoriza o fato dela permitir uma visão de unidade, ou seja, de perceber na prática do outro algo que possa ser importante para sua própria. A autora destaca que

> Caminha-se na perspectiva da interdisciplinaridade sempre que na prática universitária se enfatiza o diálogo, a intercomunicação, o trabalho em comum entre os alunos e professores de diferentes áreas do conhecimento, na busca mais abrangente dos problemas. (CANDAU, 1997)

3.3. Os alunos de Educação Física e o olhar sobre a relação com a FaE: tem solução?

Perguntamos aos nossos entrevistados o que eles pensavam que deveria ser feito, quais atitudes deveriam ser tomadas para que a relação dos estudantes de Educação Física com a FaE se tornasse mais positiva. As respostas, muito variadas, demonstraram o grau de consciência que possuem do papel que cada um deve cumprir nessa relação.

Alguns demonstraram não ter pensando numa possibilidade de mudança e, por isso mesmo, tiveram que pensar muito antes de responder:

> “Acho difícil pensar nisso porque o principal problema é a gente entrar na Educação Física e todo mundo falar que a Fae é ruim. A principal forma de mudar essa visão seria mudar o pensamento de quem está reproduzindo isso entendeu? Acho quer não depende tanto dos professores, tanto da direção da escola por que o contato com eles é o mínimo, as aulas lá vão continuar seguindo esse padrão por que é necessário passar aquilo, e essa mudança vem de aluno para aluno.” (Aluna do 5º período de Licenciatura)

> “Pergunta difícil. Não sei... Boa pergunta... Uma coisa que pode talvez ser feita é a passagem da matéria não ser na FaE. Poderia ser, por exemplo, Política Educacional ministrada aqui na EF, com professores da FaE. Só que na EF. Eu acho atualmente que o problema é a FaE. A gente sair daqui para ir para lá é ruim. Se fosse aqui seria muito melhor.

> Tem muitos professores aqui que têm a visão dos professores da FaE. Mas por ser aqui que eles dão aula, não existe o estranhamento. Mas como você tem que ir pra lá, pra FaE e como a FaE já tem o perfil de que é o problema, a preguiça. Acho que isso é o problema. Se fosse aqui, talvez não tivesse tanto estranhamento." (Aluno do 5º período de Licenciatura)

Outros já tinham uma resposta pronta, nos pareceu algo já anteriormente pensado:

> "Todo mundo ter aula com a minha professora de didática. O plano de aula que ela ensinou a fazer eu uso em muitas outras disciplinas. Quanto ao estranhamento, acho que não pode ser feito nada. Isso depende de cada aluno. Eu acho que a FaE a legal, eu falo que é legal e o cara que acha chato fala que é chato. Então isso já vai criando essa ideia. Então o que eu acho que deveria mudar são os professores. Eu acho que é faculdade de educação sabe. Os professores que deveriam ser os maiorais em educação, eles entendem da educação, mas não sabem educar. Eu acho, posso estar falando bobagem. Às vezes nem são os professores. Pode ser a matéria, o nome dela predispõe ao estranhamento. Eu acho que para o pessoal do Bacharelado é completamente desnecessário. Porque que a pessoa que está fazendo bacharelado, o sonho dela é ser personal de academia, qual é o interesse dele em Sociologia da Educação?" (Aluno do 5º período de Licenciatura)

> "Tem que ter tanto de um lado como do outro. A gente tem que aprender a lidar com essa coisa de teoria. É algo que a gente necessita muito e às vezes a gente quer só prática e esquece. A gente tem que ceder para esse lado, de estudar mesmo a teoria, de pegar e dar tanta importância quanto a gente dá para a prática. Por eles (professores da FaE) também, deles olharem mais o perfil da sala. (...) Como é uma turma misturada (...) em mais ou menos duas ou três aulas dá para você perceber o perfil da sala, por mais que sejam cursos diferentes, você mais ou menos dá para ver. Porque não era só a Educação Física que chegava lá e ficava (...) entediada com algumas aulas. Era uma coisa comum a todos os cursos. Então é realmente ver isso e tentar buscar caminhos." (Aluna do 5º período de Bacharelado).

O que consideramos importante nessas reflexões que os alunos fizeram foi a identificação de que muitas vezes deve-se partir do individual para o coletivo, ou seja, a iniciativa de melhorar essa relação e de reconstruí-la deve ocorrer de sujeito para sujeito.

4. OUTRO OLHAR SOBRE O QUE DIZEM OS SUJEITOS

Procuraremos nesse capítulo realizar um diálogo entre os conceitos reflexos dos autores pesquisados e com o que manifestaram os sujeitos de nosso trabalho, os alunos do 5º período do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais.

Pensamos ser importante realizar tal exercício para, de certa forma, legitimar o que dizem os alunos e demonstrar que o que eles dizem sobre o que têm sentido, percebido e vivido ao longo de sua trajetória acadêmica não é algo infundado ou nunca antes pensado na história da educação física.

Será também importante realizar essa relação para que pesquisas que advenham a essa possam partir de um pensamento já organizado e aperfeiçoar o que aqui foi pensado e avançar nas questões aqui levantadas.

4.1. Seleção cultural escolar

Ao realizarmos as entrevistas, em determinados momentos da conversa era enfatizado como os alunos do curso de Educação Física, principalmente os que cursavam o bacharelado, auxiliavam na reprodução de um (pré) conceito em relação à Faculdade de Educação.

Talvez um ponto importante a ser considerado nessa pesquisa é a relação existente entre a Educação Física Escolar e o Esporte. Muitos alunos escolhem o curso de Educação Física por já possuírem uma experiência com o esporte. Assim, como Moreno (1997) se refere, a maioria dos alunos revela uma relação mecânica entre "*fui atleta, logo, tenho que fazer Educação Física*" e, quando entram em contato com disciplinas que aparentemente não possuem uma especificidade, uma relação direta com a Educação Física e, inicialmente, não relacionadas à sua prática esportiva – como são as aulas na FaE –, eles têm uma quebra de expectativa em relação ao curso e cultivam dentro de si uma

impaciência, ficam aflitos para passarem dessa etapa, pois estão “perdendo o tempo”.

Passada essa fase do curso os alunos já criaram dentro de si um conceito. E, como indivíduos construtores de uma cultura, de uma sociedade, o natural em suas ações é reproduzir os conceitos adquiridos.

Podemos relacionar essa realidade com o que diz Figueiredo (2001) sobre a seleção cultural escolar. Em seu texto, a autora, através de alguns exemplos, ilustra como algumas ações dos alunos demonstram as seleções realizadas no interior do currículo. E essas ações são impulsionadas pelo poder gerador de um agente em ação, que, no nosso caso, é o aluno de educação física.

Pensando no aluno como um agente em ação, cabe resgatar a fala de uma aluna que, ao responder sobre as possíveis soluções para que não haja mais uma resistência por parte dos alunos da educação física em relação à FaE, diz que a principal forma de mudar essa visão seria mudar o pensamento de quem a está reproduzindo. Seria uma mudança dependente da iniciativa dos próprios alunos em se colocarem atentos à própria conduta e aos próprios pensamentos.

4.2. A apropriação dos saberes.

Em vários relatos os alunos destacaram que os conhecimentos com os quais tomaram contato foram importantes para a formação como seres humanos. Ao dizerem isso alguns revelaram que não viam outra função para esses conhecimentos a não ser para a essa formação humana.

Essa fala constante dos alunos nos remete ao texto de Figueiredo (2001), quando a autora se refere à relação com os saberes. Ela diz que “... o saber é concretizado a partir de uma relação com o sujeito.” e que “... o aprender apresenta-se como uma das possibilidades da relação com o saber”.

Mas e o saber? O que ele significa?

> “Em outras palavras, a ideia de saber implica a de sujeito, de atividade do sujeito, de relação do sujeito com ele mesmo (deve desfazer-se do dogmatismo subjetivo), de relação desse sujeito com os outros (que constroem, controlam, validam, partilham esse saber” (CHARLOT, 2000)

A partir dessas concepções de saber, aprender e relação com o saber, poderíamos afirmar, então, que os alunos do curso de Educação Física, ao tomarem contato com esses conhecimentos pedagógicos nas disciplinas da FaE, se apropriam desses conhecimentos de forma realmente individual, ou seja, alguns percebem esses conhecimentos como importantes para a sua formação acadêmica e outros somente para a sua formação humana. Tudo depende da forma como esses sujeitos se colocam frente a esses saberes.

4.3. A experiência do professor na formação do aluno

Resgatando algumas falas dos alunos entrevistados, ao mencionarem a visão que possuíam dos professores que se relacionaram, muitos destacaram como ponto positivo o relato de experiência por partes dos docentes ao longo das aulas e a relação que faziam com as teorias pedagógicas que ensinavam.

Os alunos mencionaram que os professores que tinham como hábito essa prática do contar suas experiências, lecionavam com maior disposição de ânimo e demonstravam prazer em dividir com os alunos o que eles já viveram. Coincidência ou não, esses mesmos professores, nas entrevistas, eram recordados de forma mais efusiva e que tinham os conteúdos de suas disciplinas mais incorporados ao acervo acadêmico mental dos alunos.

Do ponto de vista do professor, Moreno (1997) destaca que

> “Professores que tinham várias experiências anteriores à docência universitária mostravam o quanto isso foi importante para sua vida profissional: tendo vivido a realidade, conhecem-na melhor e podem trabalhar isso com os alunos. Apontam quanto as experiências no mercado de trabalho se mostraram fundamentais para dar conta da formação de professores.” (MORENO, 1997)

No outro extremo dessa realidade, os alunos demonstraram insatisfação em relação àqueles professores que não demonstraram ter o menor interesse em lecionar e também que não aparentavam ter experiência no ensino ou experiência de vida do conhecimento que estavam transmitindo.

Destacamos, mais uma vez, o que diz Moreno (1997) em seu texto, mas do ponto de vista do jovem professor universitário e que não possui experiência nas escolas de educação básica.

> "Percebe-se que muitos não somente não conhecem a realidade do mercado de trabalho como também não gostam da realidade para a qual estão formando pessoas: veem a universidade como mais um campo de atuação, como se ela estivesse desvinculada da realidade deste campo." (MORENO, 1997)

4.4. Formação de profissionais reflexivos

"Textos demais para ler". "FaE é sinônimo de leituras e mais leituras". Falas como essas eram recorrentes em nossas conversas. Durante a entrevista os alunos mencionaram muitas vezes que gostavam das aulas da FaE, mas que a quantidade de textos que os professores mandavam ler era desproporcional à realidade intelectual dos alunos.

Até que ponto essas leituras "em excesso" podem ser consideradas negativas?

Resgatemos nossa reflexão anterior sobre a formação de profissionais generalistas, ou seja, profissionais com uma visão ampla e aprofundada o suficiente para dar conta da pluralidade e da complexidade que envolvem o movimento humano circunscrito às condições materiais da sua própria existência (BORGES, 1998).

Pensando nesse conceito podemos afirmar que os textos que os

professores indicam aos seus alunos podem cumprir um papel fundamental na formação crítica desse profissional. Sendo esses textos referentes à sociologia, psicologia, política e didática, recordando que todos são relacionados ao campo de atuação do profissional de educação física e o ambiente no qual esse campo está inserido, conceitos tratados nesses textos podem fazer surgir na mente dos alunos questionamentos importantes sobre sua própria prática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado tinha como objetivo descobrir qual é o olhar dos alunos de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais em relação à Faculdade de Educação e refletir se estes alunos consideram o contato com os conhecimentos pedagógicos como importantes para a sua formação.

Para alcançar esse objetivo foram realizadas diversas leituras nas quais foram encontrados elementos importantes para o entendimento das questões que envolvem a realidade dessa relação.

Percebemos que a relação com os conhecimentos pedagógicos é uma relação tumultuada desde a inserção desses conhecimentos no currículo dos cursos de Educação Física. Para demonstrar isso, buscamos resgatar na história como se deu essa inserção e como os professores e estudantes de educação física lidaram com essa nova realidade.

Outro ponto destacado das leituras foi a formação de professores generalista ou técnicos. Percebemos um íntima relação com nosso tema, pois de acordo com os textos lidos, é na tentativa de formar profissionais mais críticos e conscientes da sua realidade e da realidade de seus alunos é que essas disciplinas tiveram seu suporte, ou seja, proporcionariam ao professor a possibilidade dele conseguir realizar reflexões sobre sua própria cultura e seu trabalho inserido nessa cultura.

Após as leituras, buscamos ouvir os próprios alunos de Educação Física da UFMG, ou seja, aqueles que diretamente estão envolvidos nessa relação com a FaE.

Depois de realizadas as entrevistas, elas foram transcritas e analisadas, proporcionando uma quantidade de fatos importantes para o levantamento de elementos que compõem essa relação e que permitiram entender como os alunos percebem sua passagem pela Faculdade de Educação.

Separamos os resultados encontrados na pesquisa em três eixos de análise. No primeiro buscamos unir as questões que se referiam à percepção que os alunos do papel dos conhecimentos pedagógicos para a sua formação. Interessante que os alunos destacaram a importância desses conhecimentos para a sua formação humana. Só depois relacionavam, quando relacionavam, com a formação profissional e como esses conhecimentos auxiliavam a refletir sobre a própria prática.

No segundo eixo, procuramos resgatar os elementos levantados que demonstravam a relação dos alunos com o ambiente da FaE e os sujeitos que a integram. Nesse tópico tratamos sobre a relação com os professores, com os colegas de outros cursos que assistiam às aulas junto dos alunos de educação física, com o ambiente físico e apresentamos a percepção dos entrevistados das metodologias de seus professores. Algumas respostas foram surpreendentes e reveladoras e demonstraram visões bem distintas sobre uma mesma realidade.

No terceiro e último eixo apresentamos alguns olhares dos alunos de educação física em relação à FaE. De acordo com a resposta que deram quando perguntamos como a realidade dessa relação poderia ser mudada, conseguimos observar como esses alunos se posicionam frente às dificuldades que observam.

Para finalizar essa busca pelo entendimento de uma realidade claramente sentida e percebida pelos alunos, dialogamos as nossas duas fontes de pesquisa: os autores e os sujeitos. Essa fase do trabalho foi importante para legitimar os discursos dos estudantes, pois é perceptível como se envolvem nessa relação e como, muitas vezes, destacam a necessidade de mudança. Uma mudança real para que a formação seja completa e satisfatória.

Talvez o ponto principal a ser destacado nessa pesquisa e que concluímos a partir de tudo o que foi estudado seja a necessidade transformar essa relação para algo positivo, pois, como os alunos mesmo destacam, os conhecimentos pedagógicos com os quais tomam contato são importantes para a sua formação integral. E essa percepção não pode ser prejudicada por causa de uma relação historicamente mal resolvida.

A formação de profissionais críticos e conscientes de sua realidade e da realidade do mundo é um desejo comum a todos os que compõem a Faculdade de Educação e a Escola de Educação Física, mas a pergunta que cabe ser respondida agora é: qual é o papel de cada um nessa relação para que a trajetória pela FaE se torne realmente significativa na formação dos alunos?

Essa pesquisa não termina aqui. O curso de Educação Física está em constante aperfeiçoamento. Recentemente o currículo será modificado, a organização do curso será outra e a entrada dos alunos na faculdade será diferenciada. Será que essa mudança trará benefícios para essa relação? Os alunos conseguirão transformar essa realidade?

Coube a este estudo a tentativa de mostrar a visão dos alunos de uma trajetória que eles têm que construir a partir de algo que já foi construído. Uma ideia para estudos posteriores é tentar aprofundar mais nessa questão, buscando conhecer a visão dos professores ou até mesmo acompanhar como essa visão se modifica ao longo de todo um curso superior.

Cabe também a sugestão de uma pesquisa como essa ser feita em todos os cursos que tenham a licenciatura com disciplinas na FaE, pois se há algo em comum entre essas relações, em conjunto se conseguirá resultados mais efetivos na conquista de uma formação ideal para os alunos.

REFERÊNCIAS

BORGES, C.M.F. A formação dos professores de educação física. In: BORGES, C.M.F. **O professor de educação física e a construção do saber**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F.J. Educação física escolar. In: GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P.E. **Dicionário crítico de educação física**. (Org.). Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

CANDAU,V.M.F. Universidade e formação de professores: Que rumos tomar? In: CANDAU, V.M.F. (org.) **Magistério, construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FARIA JUNIOR, A.G. de. Professor de educação física, licenciado generalista. In: OLIVEIRA, V. M. (Org.). **Fundamentos pedagógicos/educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

FIGUEIREDO, Z.C.C. Formação Docente, Currículo e Saber. In: CAPARROZ, F. E. (Org.). **Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção.** 1 ed. Vitória: Proteoria, 2001.

GONZÁLEZ PECOTCHE, C.B. **Deficiências e propensões do ser humano**. 10 ed. São Paulo: Logosófica, 2001.

LÜDKE, M. Formação inicial e construção da identidade profissional de professores de 1º Grau. In: CANDAU, V. M. **Magistério: Construção Cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORENO, A. Educação Física: de que profissão e de que profissional se fala?. In: Creso Franco; Sonia Kramer. (Org.). **Pesquisa e Educação: história, escola e formação de professores.** Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Colegiado de Educação Física.** Disponível em http://www2.ufmg.br/educacaofisica. Acesso em 22 de junho 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Faculdade de Educação.** Disponível em: http://www.fae.ufmg.br/. Acesso em 25 de junho 2011.

APÊNDICES

Apêndice 1

Roteiro de perguntas para entrevista

- Quais as disciplinas que vc cursou na FAE?
- Você entende que essas disciplinas contribuíram para a sua formação como professor de Educação Física? Por que?
- Você destacaria alguma disciplina em especial que teria contribuído de forma mais significativa na sua formação? Por que?
- Você destacaria alguma disciplina em especial que teria contribuído de forma menos significativa na sua formação? Por que?
- Você mais gostou e menos gostou dessa trajetória formativa na FAE? (estimular os alunos a falarem um pouco sobre a relação com os professores, com os colegas de outras licenciaturas, o clima organizacional – ambiente físico, rotinas, símbolos, vestimentas, estereótipos)
- Você percebe que os alunos da Educação Física não gostam da FE? Isso seria um mito ou uma verdade relativa? Qual a sua opinião sobre estranhamento dos alunos da EF em relação à FAE?
- Em sua opinião, o que deveria ser feito no sentido da mudança dessa realidade? (caso se confirme que os alunos concordam com a idéia de que os estudantes da EF desenvolvem um estranhamento em relação à FAE).

ANEXOS

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você participará de uma pesquisa realizada pela aluna do 8º período de Educação Física da UFMG, em decorrência da realização da monografia a ser apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física. O objetivo dessa pesquisa é levantar possíveis causas da resistência que existe por parte dos alunos de Educação Física da UFMG em relação às aulas da Faculdade de Educação. Desse modo será realizada uma entrevista que visa analisar e caracterizar essas possíveis causas. A aplicação do questionário acontecerá em locais que assegurem o máximo de conforto para os participantes. O preenchimento do mesmo e a realização da entrevista terão duração de aproximadamente 20 minutos. Durante a aplicação dos mesmos e em qualquer momento você poderá desistir de sua participação sem que isto lhe acarrete prejuízos de qualquer natureza. Esclarece-se que os procedimentos metodológicos dessa pesquisa não oferecem nenhum risco de integridade física, psíquica ou social a você e ressalta-se que em momento algum sua identidade será revelada. Acrescenta-se que os resultados desse estudo somente serão utilizados para a pesquisa da monografia, não tendo fins à publicação em periódicos, eventos científicos, entre outros.

Enfatiza-se ainda que não será concedida remuneração financeira, material ou de qualquer outra ordem aos participantes desse estudo. **Sendo assim, fica clara a sua condição de voluntário**. Para a elucidação de quaisquer outras dúvidas que possam ocorrer antes, durante ou depois do desenvolvimento da pesquisa, você poderá contatar Ludmila Carvalho de Souza por meio do e-mail: ludcsouza@gmail.com ou do telefone 9616-1216.

Estando de acordo com as condições acima apresentadas, aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

Belo Horizonte, _____ de 2011

_____

Assinatura do Voluntário